
Imagem de cidade e representação urbana: Gotham City e Metrópolis em finais da década de 1930

Marina Cavalcante Vieira

Resumo: As cidades são frutos de ações humanas coletivas que compõem um aglomerado tanto em termos de estruturas físicas quanto em termos de sociabilidades. As histórias em quadrinhos de gênero super-heróis reservam para o urbano um papel primordial em que as cidades passam a ser mais do que meros ambientes ou panos de fundo para o desenvolvimento das narrativas. A metrópole e os seus problemas passam a ser a causa da necessidade de existência de super-heróis. O objetivo deste trabalho é a análise da imagem das cidades de Metrópolis e Gotham em seu contexto de criação, ambas nascidas em finais da década de 1930. Compreende-se por imagem de cidade as representações sociais que incorporam além das imagens visuais a dimensão simbólica e cultural do imaginário urbano. A imagem de uma cidade abarca sua estrutura física, assim como sua dimensão estética e cultural. As duas cidades aqui estudadas representam concepções urbanas antagônicas, uma vez que Metrópolis é uma cidade modernista voltada para o progresso, enquanto Gotham é caótica e sombria. Essas concepções urbanas distintas são encontradas em discussões que permearam as teorias urbanísticas da década de 1930.

Palavras-chaves: Imagem de cidade; Imaginário urbano; História em quadrinhos.

Abstract: Cities are the products of collective human actions that combine physical structures and sociabilities. The comic genre of superhero destines a major role for the cities. They become more than mere environments or backgrounds for the development of narratives. The metropolis and its problems require the need for the existence of superheroes. The intend of this study is to examine the image of the cities of Metropolis and Gotham in its context of creation, the respective cities of Superman and Batman, both born in the late 1930s. We understand by the term “city image” as the social representations that incorporate not only visual images, but the symbolic and cultural dimensions of the urban imagery. The image of a city embraces its physical structure as well as its aesthetic and cultural dimension. The two cities studied here represent urban antagonistic conceptions since Metropolis is a modern city focused on progress, while Gotham has a chaotic and nocturnal atmosphere. These conceptions are found in distinct urban discussions that permeated the urban theories of the 1930s.

Keywords: Image of the city, urban imaginary, comic strips

Introdução

As cidades das histórias em quadrinhos são representações do imaginário da sociedade e da época em que foram criadas. As cidades são obras coletivas construídas no tempo e no espaço por homens organizados coletivamente. Como fruto desta organização física e social que é a cidade, surgem as mais variadas representações do urbano. Erigidas enquanto crítica ou utopia, essas representações fazem parte de um imaginário urbano também localizado no tempo e no espaço. As cidades reais são a base na qual se inspiram as cidades das histórias em quadrinhos e ficções científicas, por mais distópicas ou futurísticas que possam ser.

O elemento arquitetônico ou urbanístico encontra-se presente nas histórias em quadrinhos, em algumas como um simples pano de fundo retratado pelas fachadas dos prédios e traçados das ruas, já em outras a cidade ambienta e interage com seus personagens. Este é o caso das duas cidades analisadas neste artigo.

A primeira história em quadrinhos do Super-Homem foi lançada em junho de 1938 pela revista *Action Comics*. Em maio do ano seguinte foi lançada pela revista *Detective Comics* a primeira história em quadrinhos do Batman. As aventuras desses super-heróis continuam sendo atualizadas e reinventadas, povoando a vida de adultos e crianças até os dias atuais.

Assim como os seus personagens, as cidades em que se passam tais histórias tomam papel primordial na concepção e desenrolar das narrativas. Gotham City e Metrópolis são as duas cidades, que, respectivamente, ambientam as aventuras do Batman e do Super-Homem. Nascidas em finais da década de 1930, após a quebra da Bolsa de Nova York, essas duas cidades representam concepções e perspectivas antagônicas sobre as cidades norte-americanas da época.

A Gotham City, ou cidade Gótica, em sua tradução, representa o caos, o pessimismo, a sombra das grandes cidades, enquanto Metrópolis representa a luz, o modernismo e o progresso. As histórias do Batman geralmente se passam à noite, envoltas em um clima soturno de rabiscos sombrios. Já a Metrópolis do Super-Homem geralmente é retratada nos períodos diurnos, com prédios altos e espelhados.

Este artigo corresponde às reflexões iniciais de minha pesquisa de mestrado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ e que tem como objetivo a compreensão do imaginário urbano das décadas de 1930 e 1940 presente nas histórias em quadrinhos do Batman e Super-Homem. Apresentam-se aqui as abordagens

iniciais da análise das primeiras histórias em quadrinhos do Batman e Super-Homem buscando correlações com as distintas concepções urbanas que permearam as teorias urbanísticas da época.

1. Imaginário Urbano nas Histórias em Quadrinhos

As cidades são frutos de ações humanas coletivas que compõem um aglomerado tanto em termos de estruturas físicas quanto em termos de sociabilidades. Impensadas enquanto obras individuais, as cidades são um registro das ações sociais e das transformações que seus habitantes impõem-nas no tempo e no espaço.

As cidades são objetos históricos e sociais de seu tempo, e, portanto, a sua dimensão física e cultural é produto da interação histórica e social em que são criadas. Vitor Hugo (2003) chegou a afirmar que a arquitetura seria o livro da humanidade, no sentido em que ela funciona como uma linguagem que registra as mudanças históricas por que passa a humanidade. Ou seja, tanto a arquitetura quanto a cidade em sua complexidade são obras de seu tempo.

O presente artigo corresponde a uma análise das cidades nas histórias em quadrinhos que considera que tanto as cidades reais como as imaginárias são compostas por uma linguagem própria que organiza e dá sentido ao espaço. Mas não apenas a cidade enquanto objeto pode ser “lida” em sua organização espacial, bem como as próprias histórias em quadrinhos são um gênero literário lingüístico e visual que se utilizam tanto de palavras como de imagens para estabelecer comunicação e que, portanto, exigem uma leitura interpretativa visual e verbal da narrativa. A semiótica é uma ciência que possibilita a abordagem tanto da cidade como das histórias em quadrinhos enquanto linguagem, uma vez que é um campo que estuda os signos e linguagens verbais e não-verbais. O presente trabalho utiliza-se da semiótica enquanto ferramenta capaz de auxiliar na análise sociológica do imaginário urbano das histórias em quadrinhos.

A concepção de signo de Pierce (1977) tem sido uma das mais utilizadas ao longo da história da semiótica. Para este autor, o signo é uma coisa utilizada em substituição à outra. Portanto, se situa no campo da representação. Esse é um conceito que explicita a separação entre a coisa e sua representação. A palavra *carro* ou o desenho de um carro são representações do objeto que não comportam em si a complexidade deste.

A significação é a função do signo; eis porque é impossível representar a significação (enquanto propriedade puramente relacional, funcional) à parte do signo, como algo independente, particular. Isso é tão exequível como considerar a significação da palavra *cavalo* como sendo o cavalo particular que tenho diante dos meus olhos. Se assim fosse, seria possível, tendo comido uma maçã, dizer que se comeu não uma maçã, mas a significação da palavra *maçã*. O signo é uma unidade material discreta, mas a significação não é uma coisa e não pode ser isolada do signo como se fosse uma realidade independente, tendo uma existência à parte do signo (BAKHTIN, s/d, p.50).

Para Pierce (1977) tudo é signo, pois estes fazem mais do que representar ou substituir as coisas, funcionam como mediadores desse processo de atribuição de sentido. Para este autor, essa função de mediação se chama interpretante, uma vez que todo signo, para ser interpretado, precisa de outro signo, assim se abrindo uma cadeia de signos interpretantes. Seguindo esta linha de pensamento, a nossa interpretação do mundo ou atribuição de sentido às coisas mais cotidianas consistem em um processo semiológico.

No livro *A Instituição Imaginária da Sociedade*, Cornelius Castoriadis (1995) desvenda o caráter imaginário e simbólico da sociedade e das instituições modernas. Segundo este autor, tudo o que se apresenta no mundo social-histórico está entrelaçado com o domínio do simbólico. Ainda segundo o referido autor, as relações entre o imaginário e o simbólico ocorrem justamente na medida em que o imaginário é dotado da capacidade de representar uma coisa ou uma relação entre coisas. O sistema simbólico consiste em ligar símbolos (significantes) a significados (representações, significações). Esta noção do simbólico e do imaginário em Castoriadis se aproxima da teoria semiótica de Pierce. É importante lembrar que o simbólico se relaciona com o imaginário, em Castoriadis, na medida em que existe uma função simbólica no imaginário e que por sua vez o próprio simbólico pressupõe uma capacidade imaginária.

A sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se crava no natural e se crava no histórico (ao que já estava lá); participa, enfim, do racional. Tudo faz com que surjam encadeamentos de significantes, relações entre significantes e significados, conexões e conseqüências, que não eram nem visadas nem previstas (CASTORIADIS, 1995, p. 152).

Para este autor, a dimensão simbólica da vida social se situa em instituições como, por exemplo, a escola e o aparelho jurídico. Apesar de não se reduzirem a operações simbólicas, estas instituições não existiriam sem suas redes de significações. A sociedade constrói seu simbolismo, ligando-o à natureza, à história e ao racional, remetendo-o ao imaginário.

Compreendendo a dimensão temporal e histórica do urbano, a historiadora Sandra Jatahy Pesavento faz uma análise cultural do urbano enquanto dado ou documento capaz de

registrar o imaginário urbano de uma época. No livro *Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano* (PESAVENTO, 1999) esta historiadora faz uma belíssima análise do imaginário urbano de três cidades em diferentes obras literárias. A mesma cidade pode ser representada de forma diferente dependendo do lugar de onde se fala, seja no tempo ou socialmente. Esta é, por exemplo, a diferença entre o Rio de Janeiro de Lima Barreto e Machado de Assis.

As cidades imaginárias são pensadas a partir das cidades reais. Sempre existiram as mais diversas representações do urbano, seja enquanto crítica ou utopia. Cidades caóticas, odiadas, sonhadas ou poéticas são representações que cabem e couberam a muitas cidades ao longo da história. Sandra Jatahy Pesavento (2007) considera que a cidade contém uma dimensão do sensível que a integra a um processo simbólico de atribuição de significado. O urbano abarca a dimensão física e cultural da cidade, em um processo de construção material e simbólico de uma cidade que habita no pensamento. Para a autora a cidade em sua dimensão da sensibilidade é, sobretudo, a produção de imagens e discursos que enquanto representação se coloca no lugar da materialidade. Para Pesavento (2007, 14), cidades sensíveis e pensadas podem ser “capazes de se apresentarem mais ‘reais’ à percepção de seus habitantes e passantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto”. A dimensão sensível do urbano em Pesavento corresponde a uma cidade de forte imaginário. Esta autora define *imaginário urbano* como:

(...) o imaginário urbano, como todo imaginário, diz respeito a formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, o que implica dizer que trata das representações construídas sobre a realidade - no caso, a cidade. (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Uma abordagem sobre o imaginário urbano debruça-se sobre discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade. O imaginário urbano é um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que “falam da cidade”, que se reportam a uma certa representação do urbano. Uma imagem ou imaginário de uma cidade são representações que em si não substituem a cidade que representam, assim como o signo não substitui a coisa representada. Neste ponto vale citar o quadro de Magritte como recurso explicativo desta noção. Neste quadro há um desenho de um cachimbo, escrito, em francês: “isto não é um cachimbo”. A reflexão que Magritte nos propõe é pensar no desenho enquanto algo que representa, como um signo, um signo que representa, mas que não é um cachimbo. Da mesma

forma a imagem¹ de uma cidade, seja uma fotografia de um cartão postal ou uma imagem mental de cidade, é uma representação.

A sociedade que de fato institui e constrói as coisas como reais ou não. Para Peter Berger (2004), a realidade seria ao mesmo tempo objetiva e subjetiva, deste modo, construída socialmente. Este autor afirma a possibilidade de algo ser considerado real por um monge e não ser real para um empresário, o que demonstra que o que institucionaliza a “realidade” são os contextos sociais.

A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente (BERGER, 2004, p. 35).

A literatura em quadrinhos, assim como qualquer outro gênero literário, possibilita a análise do pensamento social de uma determinada época. O material de que se utiliza o escritor para construir sua narrativa é o seu mundo, sua realidade, que reflete os dramas e anseios da sociedade em que está inserido (Candido, 2004). A literatura é um rico objeto para se compreender o imaginário de uma época.

2 Urbanismo e Histórias em Quadrinhos: análise da representação urbana

Autores como Françoise Choay (2003) e Jean-Louis Harouel (1990) consideram a existência de três modelos urbanísticos ou três concepções distintas sobre a cidade que permeiam o pensamento urbanístico desde quando se começou a refletir sobre as cidades modernas industrializadas. Esses modelos seriam o culturalista, o naturalista e o progressista, surgidos em função da necessidade de criar soluções para as cidades modernas em franco crescimento desorganizado. Essas diferentes correntes de pensamento têm em comum o fato de nascerem como crítica aos problemas encontrados nas grandes cidades. No entanto, as resoluções e modelos urbanos que surgem a partir dessa crítica são distintos. O modelo progressista, em geral, se alia ao ritmo de crescimento imposto pela Revolução Industrial, traçando planejamentos urbanos voltados para a concepção de progresso, funcionalidade e rendimento. Em linhas gerais, essa concepção urbanística tende a incentivar o crescimento ordenado das cidades. Já o modelo culturalista e o modelo naturalista estariam ligados a

¹ A imagem de uma cidade como sua representação simbólica pode ser explorada tanto pelo domínio da imagem visual, como pelo âmbito da imagem no sentido difuso e mais abrangente que abarca a dimensão cultural e simbólica da vida urbana (Lynch, 2006; Fortuna, 1997).

sentimentos nostálgicos de retorno à comunidade e à natureza, opondo-se aos grandes aglomerados urbanos.

Esta pesquisa utiliza-se desse grande corte fornecido pelos referidos autores que separam a história do urbanismo em basicamente três modelos – o progressista, o naturalista e o culturalista – como modelos ou tipos-ideais² que facilitem a nossa compreensão do imaginário, discurso e contexto de criação das histórias em quadrinhos do Batman e Super-Homem. Vale ressaltar que essa separação em três grandes correntes de pensamento é um recurso meramente metodológico, já que própria Françoise Choay (2003) nos adverte para o fato de que muitos dos pensadores enquadrados em um dos modelos dialogavam com outras correntes de pensamento. Mas em linhas gerais, é possível observar essa tradicional ruptura entre o que seria o modelo naturalista, progressista e culturalista.

O modelo progressista, segundo a autora, estaria presente desde, por exemplo, Proudhon, Owen e Fourier. Mas é com o movimento modernista dos CIAM³, principalmente com Le Corbusier e a concepção da residência como “máquina na qual viver”⁴, que o modelo progressista se encaixa radicalmente em um pensamento otimista orientado para o máximo rendimento da sociedade industrial. A composição do espaço urbano seria amplamente aberta e racional, de uma estética funcional, ligando a beleza à lógica.

O modelo culturalista, segundo a autora, abrange autores como Ruskin, William Morris, Ebenezer Howard (criador do movimento Cidade Jardim) e Camilo Sitte. Os partidários desse modelo seriam pensadores que evocam o passado e criticam a morte da comunidade diante do processo de industrialização. Essa visão seria pessimista, contrária às metrópoles modernas e voltada para um tempo anterior, ao passo que a concepção do modelo progressista é extremamente positiva quanto à possibilidade de crescimento urbano ordenado e também quanto à crença no progresso.

² Utiliza-se, neste ponto, do conceito weberiano de tipo-ideal como forma de evidenciar o caráter instrumental e aproximativo dos modelos urbanos aqui empregados (Weber, 2006).

³ O movimento modernista na arquitetura se consolida a partir do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) em Atenas, no ano de 1933, estabelecendo diretrizes e consensos que culminaram com a redação da Carta de Atenas.

⁴ As cidades passaram a ser criadas como máquinas que desprezavam a personificação e a ornamentação, projetadas visando apenas a sua funcionalidade. Segundo Benevolo (1976), Le Corbusier se preocupava com a utilidade e aplicabilidade de suas obras, submetendo a arquitetura ao controle dos traçados geométricos e reguladores. Le Corbusier faz uma analogia entre casa e máquinas para explicar a construção em série de habitações econômicas.

Camillo Sitte (1992) foi um duro crítico dos princípios de organização das metrópoles modernas do século XIX. Cito este autor em uma de suas inúmeras críticas ao monotonismo dos complexos urbanos modernos:

Hoje, quase ninguém mais se ocupa da construção urbana enquanto obra de arte, mas apenas enquanto um problema técnico. E posteriormente, quando o efeito artístico não corresponde às expectativas, ficamos espantados e desorientados; entretanto, em um próximo empreendimento, tudo será tratado do ponto de vista técnico, como se estivéssemos traçando uma linha férrea, onde não há questões artísticas envolvidas (SITTE, 1992, p. 94-95).

Já o modelo naturalista, segundo Françoise Choay (2003) e Jean-Louis Harouel (1990), seria um fenômeno de concepção anti-urbana próprio dos Estados Unidos, impulsionado pelo mito dos pioneiros que colonizaram o país e pela nostalgia de uma natureza virgem. Essa forte corrente anti-urbana não teria a abrangência tal dos modelos anteriormente citados, mas conta com nomes como Louis Sullivan e Frank Lloyd Wright, além de ter exercido grande influência sobre as concepções urbanas norte-americanas do século XX.

Em suma, o modelo naturalista e o modelo culturalista teriam concepções pessimistas quanto ao crescimento (mesmo que ordenado) das grandes cidades. Já o modelo progressista tenta aliar o crescimento à ordem.

A cidade do modelo culturalista tem limites fixos que circunscrevem as suas dimensões. A composição estética dessas cidades seria contrária aos padrões e protótipos reproduzíveis do urbanismo progressista de grandes cidades de estética racional baseada na geometria e de poucos ornamentos estéticos.

Os modelos culturalistas e naturalistas têm em comum o fato de verem de forma pessimista a metrópole moderna de grandes dimensões, ao passo que o primeiro modelo se volta para o passado o segundo se volta para a natureza. Mas coincidentemente os dois desprezam os grandes conglomerados urbanos. Nesse sentido pode-se afirmar que os modelos naturalista⁵ e culturalista se opõem fortemente ao progressista, representando formas dicotômicas de concepção sobre a cidade.

Em que medida o urbanismo naturalista (ou o movimento anti-urbano norte-americano) e o urbanismo culturalista teriam influenciado a criação do imaginário e

⁵ Lembrando que o modelo naturalista representa um caso particular ocorrido nos Estados Unidos da América, e que os modelos culturalista e progressista são infinitamente mais significativos para a história do urbanismo.

representação urbana de Gotham City? Seria possível relacionar Metrópolis ao urbanismo progressista? A presente pesquisa se guiará por tais questionamentos.

Durante a década de 1930, momento em que foram lançadas as primeiras histórias em quadrinhos do Batman e Super-Homem, as concepções urbanas derivadas dos supracitados modelos se encontravam presentes no imaginário urbano da época. Essas concepções seriam dois lados de uma mesma moeda: uma percepção otimista e uma percepção pessimista sobre as grandes cidades modernas que representam críticas e utopias de cidade.

Na literatura ocidental há narrativas que descrevem sociedades imaginadas para servirem de negação, desdobramento ou correção das que existem. É o caso das obras de Swift, Butler, Wells, Huxley, Orwell (CANDIDO, 2004, p. 11).

A cidade de Gotham encarnaria uma perspectiva pessimista que representa o caos e a violência das grandes cidades, se aproximando das críticas tecidas pelos naturalistas e culturalistas. Já Metrópolis encarnaria uma perspectiva otimista de cidade, retratada sempre com muita luz, prédios espelhados e desenhos que passam a idéia de velocidade, como a figura abaixo, com carros vistos do alto de uma avenida.

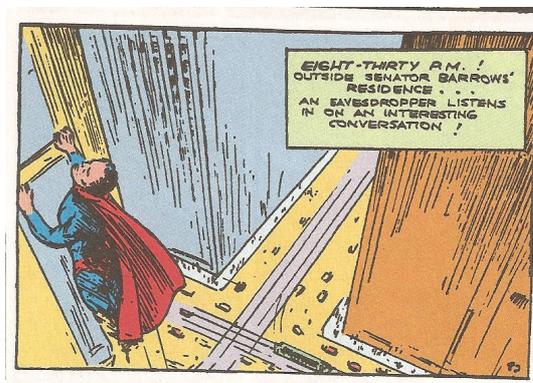


Ilustração 1: imagem retirada do livro *The Superman Chronicles Volume 1* (2006), em uma reedição da revista *Action Comics* nº1 (a primeira história do Super-Homem, lançada em junho de 1938).



Ilustração 2: imagem retirada do livro *The Batman Chronicles Volume 1* (2005), em uma reedição da revista *Detective Comics* n° 29, de julho de 1939.

3 As Grandes Cidades

A Revolução Industrial transformou radicalmente a sociedade inglesa, modificando inclusive o espaço urbano. Em meio a esta revolução nasceram as grandes metrópoles e a necessidade de controlá-las. Um dos primeiros grandes autores a criticar a desordem e problemas sociais das cidades de sua época foi Engels (2008), que no livro *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra* denunciou as condições de vida da classe trabalhadora e a miséria dos bairros pobres de Manchester. O fato é que o crescimento das grandes cidades foi extremamente assustador. Autores como Walter Benjamin (1997), Louis Wirth (1997) e George Simmel (1997) estudaram a racionalização da vida nas grandes cidades e a sua relação com a “atitude mental” (SIMMEL, 1997) dos habitantes metropolitanos. As metrópoles, símbolos da modernidade, se tornam palco de formas modernas, racionais e individualistas de vida.

A liberdade metropolitana, apesar de nos libertar da coerção das pequenas comunidades, é extremamente racional e objetiva, citando o próprio Simmel (1997, p.41): “Basta assinalar que a metrópole é a sede desta cultura, que eliminou todas as características da pessoa”. A metrópole é a sede da impessoalidade e da cultura objetiva, que transforma o cidadão em número, apesar de tê-lo libertado do pessoalismo das pequenas comunidades.

O aforismo medieval de que “os ares da cidade libertam” é bastante significativo. As metrópoles até hoje são vistas como o lugar onde o ideal de liberdade pode ser mais facilmente exercido, principalmente a liberdade de pensamento, no sentido que se relaciona

com o afrouxamento dos laços sociais. Segundo Louis Wirth (1997), o modo de vida urbano representa o enfraquecimento das relações de parentesco, o declínio da importância social da família, o desaparecimento das relações de vizinhança e a ruína da base tradicional da solidariedade; que nos leva, como diria Simmel (1997), ao embotamento, à indiferença, ou até mesmo, como diria Durkheim, à *anomia*.

Praticamente na mesma época em que Simmel analisa como o crescimento das metrópoles tem impacto sobre os comportamentos individuais, Ebenezer Howard (2002) propõe a Cidade Jardim como crítica e solução dos problemas vividos nas grandes cidades.

Ebenezer Howard viveu as turbulências geradas pela revolução industrial, grande crescimento urbano e problemas sociais. Influenciado pelo reformismo dos socialistas utópicos, embora acreditando no papel do Estado como organizador da sociedade, este autor propõe a Cidade-Jardim como uma comunidade auto-suficiente de dimensões pré-definidas, um agrupamento humano equilibrado, usufruindo das vantagens do campo e da cidade e evitando as deficiências de ambos. É importante frisar que Howard, natural da Inglaterra, sofreu bastante influência da tradição inglesa de culto ao verde.

Logo nas primeiras páginas do livro *Cidades-Jardins de Amanhã* (2002) percebe-se como Howard foi profundamente influenciado por noções de reformismo social⁶ aliadas ao estado de bem-estar social. Este livro foi lançado em 1998 sob o título *Tomorrow: a peaceful path to real reform*, sendo revisado e relançado em 1902 com o título de *Garden City of Tomorrow*.

Howard queria criar agrupamentos urbanos de pequeno porte em contrapartida às grandes cidades industriais. O seu modelo de cidade representava a junção das partes boas das cidades grandes e das partes igualmente boas do campo, criado para dar qualidade de vida aos operários instalados precariamente nas cidades industriais. A cidade-jardim foi projetada para alojar os operários a baixo-custo e alta qualidade ambiental.

Sobre as cidades de sua época, Howard afirma:

“(...) a luz solar vem sendo cada vez mais barrada e o ar está tão viciado que belos edifícios públicos, assim como os pardais, rapidamente se cobrem de fuligem, estando as próprias estátuas em condição desesperadora. Edifícios suntuosos e aterrorizantes cortiços são as estranhas feições complementares das cidades modernas”. (HOWARD, 2002, p. 108-109)

⁶ Robert Owen e Charles Fourier foram os precursores do reformismo social aliado a novas formas de habitação.

Para Ebenezer Howard a cidade jardim representa uma junção dos benefícios da vida em comunidade com os benefícios da vida urbana. Este modelo de cidade, como dito anteriormente, é enquadrado por historiadores do urbanismo como culturalista. É importante lembrar que os modelos culturalista e progressista surgem depois do advento das cidades modernas e das transformações sociais ocorridas após a revolução industrial, como a emergência do liberalismo e do individualismo. Estes modelos propõem diferentes soluções, o progressismo adotando o individualismo e a cidade industrial, e o culturalismo propondo um retorno a comunidade de relações pessoais. Neste ponto, Gotham City pode se assemelhar a crítica das grandes cidades tecida por Howard, a uma crítica ao impessoalismo e às “estranhas feições” da cidade moderna.

4 Os Super-heróis e as Grandes Cidades

Ao passo que esta pesquisa encontra-se em sua fase inicial, concluiremos este artigo problematizando algumas questões sobre a importância do espaço urbano para as histórias em quadrinhos de gênero super-heróis. Como se pode perceber, em geral as aventuras de super-heróis passam-se em grandes metrópoles, o que nos leva a questionar o papel das cidades no desenvolvimento e na própria necessidade de existência do super-herói. Dificilmente um espaço urbano sem caos e sem violência precisaria de um Batman ou Super-homem. A figura da metrópole e seu desenvolvimento vertical é extremamente presente nas HQ's do gênero super-heróis.

Gotham ou Metrópolis poderiam ser qualquer grande cidade, São Paulo, Nova York ou Londres. O fato é que Gotham e Metrópolis poderiam ser a mesma cidade, Nova York, por exemplo, representada segundo perspectivas distintas, antagônicas.

Ora, uma metrópole propicia aos seus habitantes representações contraditórias do espaço e das sociabilidades que aí têm lugar. Ela é, por um lado, luz, sedução, meca da cultura, civilização, sinônimo de progresso. Mas, por outro lado, ela pode ser representada como ameaçadora, centro de perdição, império do crime e da barbárie, mostrando uma faceta de insegurança e medo para quem nela habita. São, sem dúvida, visões contraditórias, de atração e repúdio, de sedução e rechaço, que, paradoxalmente, podem conviver no mesmo portador. (PESAVENTO, 1999, p. 19).

O mesmo portador, no caso, seriam as grandes cidades da década de 1930 e 1940, que incorporam um pouco de caos e sombra, e um pouco de luz e progresso. Cidades que podem

ao mesmo tempo ser compatíveis com a representação urbana que emana de Gotham ou de Metrópolis.

Gotham City e Metrópolis são sínteses das concepções urbanas predominantes de sua época, que apesar de imaginárias, podem se encaixar em uma representação de qualquer grande cidade. As grandes cidades, com todos os seus problemas, são adventos da modernidade e os super-heróis das histórias em quadrinhos encarnam tipos modernos de vida ambientados em um espaço urbano individualista e violento.

Bibliografia

- BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- BENJAMIN, Walter. “Paris, capital do século XIX.”. In: Fortuna, Carlos. *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras, Celta, 1997.
- _____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BERGER, Peter e LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CANDIDO, Antônio. *O Discurso e a Cidade*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- CHOAY, Françoise. *O Urbanismo: Utopia e realidades de uma antologia*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo; Martins Fontes, 2002.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- FINGER, Bill, KANE, Bob e ROBINSON, Jerry. *The Batman Chronicles Volume 1*. New York: DC Comics, 2005.
- _____. *The Batman Chronicles Volume 2*. New York: DC Comics, 2006.
- _____. *The Batman Chronicles Volume 3*. New York: DC Comics, 2007a.
- _____. *The Batman Chronicles Volume 4*. New York: DC Comics, 2007b.
- FORTUNA, Carlos. “Destradicionalização e imagem da cidade”. In: *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras, Celta, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HAROUEL, Jean-Louis. *História do urbanismo*. Campinas: Papyrus, 1990.

-
- HOWARD, Ebenezer. *Cidades-Jardins de Amanhã*. São Paulo: Annablume, 2002.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas; Papirus, 1996.
- LEGROS, Patrick, MONNEYRON, Frédéric, RENARD, Jean-Bruno e TACUSSEL, Patrick. *Sociologia do Imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da Cidade*. São Paulo; Martins Fontes, 1997.
- MARNY, Jacques. *Sociologia das Histórias aos Quadrinhos*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1988.
- MARTINS, José de Souza, Cornélia Eckert & Sylvia Caiuby Novaes (orgs.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. Bauru; Edusc, 2005.
- MORIN, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Lisboa; Relógio D'água, 1997.
- MCCLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos*. São Paulo: M. Books, 2004.
- MOYA, Álvaro de. *História da história em quadrinhos*. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- MUMFORD, Lewis. *Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. *Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico*. Maná 14 (2): 455-475, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGRS, 1999.
- _____. *Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias*. In: Revista Brasileira de História – órgão Oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 53, jan.-jun, 2007.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- SANTAELLA, Lúcia. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira, 2002.
- SIEGEL, Jerry e SHUSTER, Joe. *The Superman Chronicles Volume 1*. New York: DC Comics, 2006.
- _____. *The Superman Chronicles Volume 2*. New York: DC Comics, 2007a.
- _____. *The Superman Chronicles Volume 3*. New York: DC Comics, 2007b.
- _____. *The Superman Chronicles Volume 4*. New York: DC Comics, 2008.
- SIMMEL, Georg. “A Metrópole e a Vida Mental”. In: *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras, Celta, 1997.
- SITTE, Camillo. *A construção das cidades: segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, 1992.
- WEBER, Max. “A ‘objetividade’ do conhecimento nas Ciências Sociais”. In: Cohn, Gabriel (org.). *Max Weber*. São Paulo: Ática, 2006.
- WHITE, Mark D. e ARP, Robert. *Batman and Philosophy*. New Jersey: John Wiley & Sons, 2008.
- WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In: FORTUNA, Carlos. *Cidade, Cultura e Globalização: Ensaios de Sociologia*. Oeiras, Celta, 1997.
-